



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

QUA 14 JUL

Quarta-feira
14 de Julho de 2021
Ano 46 - N.º 16414

Kz 45,00

Director: DRUMOND JAMES
Adjuntos: CAETANO JUNIOR e GÁNDIDO BESSA

www.ja.ao



NESTA EDIÇÃO

JOÃO MELO
A América
e a democracia global
OPINÃO • 11

INVESTIMENTO



País tem 894 postos
de combustível
ECONOMIA • 12

EM SEIS MESES
Petróleo rende
2 440 mil milhões
ECONOMIA • 13

TEATRO MUSICAL



Carreira de Big Nelo vai ser
apresentada no Royal Plaza
CULTURA • 29

MANDATO DA PGR
Detido comandante
da Casa de Segurança
no Cuando Cubango
POLÍTICA • 3

ÁFRICA DO SUL



Exército patrulha ruas
para auxiliar a Polícia
ÁFRICA • 14



**USE
MÁSCARA!**

Jornal de Angola



AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÃO NOVEMBRO

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Sistema de educação e ensino deve privilegiar a formação tecnológica



O Vice-Presidente da República considera que o sistema de educação e ensino deve privilegiar a formação tecnológica e profissionalizante, para gerar especialistas que produzam obras duradouras e de qualidade, combinando evolução e a modernidade com os valores positivos da cultura e tradição ancestrais. Ao discursar na abertura do primeiro encontro nacional sobre o Ensino da Engenharia em Angola, Bornito de Sousa referiu que a formação de engenheiros qualificados e de outros quadros depende da boa qualidade do sistema de educação e ensino. O Vice-Presidente sublinhou que Angola inicia o caminho rumo à modernização territorial e urbana, acrescentando que o país tem que superar os desafios actuais e alinhar-se a um mundo em rápida evolução tecnológica. **POLÍTICA • 3**

ENCONTRO COM RESPONSÁVEIS DE VÁRIOS SECTORES



Comissão apela ao cumprimento das medidas

DESTAQUE • 6

AUTOMOBILISMO

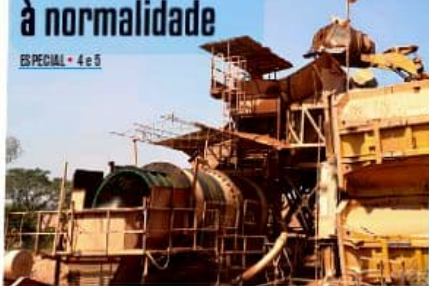
Chefe de Estado encoraja piloto Rui Andrade

O Presidente da República, João Lourenço, encorajou, ontem, o piloto angolano Rui Andrade a seguir a carreira de automobilista com determinação e espírito de vitória. Em mensagem publicada na sua conta no Twitter, João Lourenço refere que Rui Andrade é o primeiro angolano a destacar-se nesta modalidade desportiva, encorajando-o "a seguir em frente, com toda determinação e espírito de vitória". Rui Andrade venceu, domingo último, as "Quatro Horas de Monza", prova que conta para o Campeonato do Mundo de Endurance, da Federação Internacional de Automóvel, na categoria LMP2. O piloto, de 21 anos de idade, ficou na sexta posição da classificação geral. O atleta corre desde 2018.

DEPOIS DE INCERTEZAS

Guango regressa à normalidade

ESPECIAL • 4 e 5



COMBATE À POBREZA

60 mil pessoas integradas em actividades geradoras de renda

A ministra de Estado para a Área Social anunciou ontem, em Luanda, que 60 mil pessoas foram integradas em actividades geradoras de renda, no quadro do Programa Integrado de Desenvolvimento Local e Combate à Pobreza. Carolina Cerqueira deu esta informação ao apresentar o primeiro Relatório Nacional Voluntário sobre a Implementação da Agenda 2030 e dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Referiu que o PRODESI permitiu, no período de 2019-2021, financiar mais de 788 projectos produtivos. **POLÍTICA • 2**



TRANSPORTES

Apenas 15 por cento dos veículos pagam seguro automóvel

ECONOMIA • 13

Cuango refaz-se do abalo pandémico

Este ano, as projecções apontam para a recuperação de cerca de 247 mil quilates, com um preço médio de 350 dólares por quilate e receitas muito próximas dos 75 milhões de dólares



Leonel Kissana / Cuango

Em reportagem pelas minas da região da Lunda-Norte, atingimos Cafunfo, no passado um autentico "el dourado" para milhares de garimpeiros angolanos e estrangeiros, estes últimos provenientes, sobretudo, da República Democrática do Congo (RDC) e de países do Oeste africano.

Depois de uma jornada que consumiu pouco mais de oito horas de viagem, passando por varias localidades das vilas do Lóvua, Cuito e Caungula, fomos dar com a mina de Cafunfo, com varias frentes de produção a tentarem refazer-se dos efeitos dramaticos da pandemia da Covid-19, que abalou, a partir de 2020, a industria de diamantes a escala global.

Base de operações da Sociedade Mineira do Cuango, no Cafunfo trabalha-se a todo o gas, para o retorno aos indicadores de produção que precederam a pandemia, numa altura em que se assiste a uma franca recuperação do preço das chamadas pedras preciosas no mercado internacional, o que anima o sector.

A Sociedade Mineira do Cuango é o resultado de uma parceria entre a estatal Endiama, a ITM e a Lumanhe. A sua liderança é um processo feito por um ciclo de tres anos e, nesta altura, pertence ao accionista Endiama, tendo no topo Helder Carlos, quadro que ingressou na ex-Diamang em 1982.

Foi, pois, com Helder Carlos, que um grupo de jornalistas, des-pachados de Luanda, para verem o actual estado de pesquisa e exploração de diamantes na região das Lundas, interagiram.

Primeiro, na administração do projecto e, depois, em visitas guiadas como em todas as minas tiveram, em bom rigor, o "privilegio" de perceber, ao detalhe, toda a "mecânica" que sustenta uma actividade de tão elevada complexidade técnica como é a exploração, sustentável, de diamantes.

Aos jornalistas, Helder Carlos "abriu o livro" sobre os indicadores da empresa Cuango, em 2020, referindo-se a projecções para a recuperação de cerca de 260 mil quilates, de que esperava uma

Helder Carlos "abriu o livro" sobre os indicadores da empresa Cuango, em 2020, referindo-se a projecções para recuperação de cerca de 260 mil quilates, de que esperava uma receita líquida de, pelo menos, 79,5 milhões de dólares, a um preço médio de venda de 347 dólares por quilate. "Por força da pandemia, que penalizou fortemente a industria diamantifera, esse objectivo não foi alcançado"



receita líquida de, pelo menos, 79,5 milhões de dólares, a um preço médio de venda de 347 dólares por quilate. "Por força da pandemia, que penalizou fortemente a industria diamantifera, esse objectivo não foi alcançado", confessou Helder Carlos.

Quando estalou a Covid-19, a maior parte dos técnicos nacionais e expatriados, que constituem a pedra basilar da sociedade, estava em período de folga, o que abalou seriamente a estrutura operacional da mina. Isso levou ao reajustamento da equipa que estava disponível,

na altura com 129 trabalhadores, de um total de 665, dos quais 412 da região do Cuango.

Esse reajustamento conduziu a um processo de formação imediata de técnicos, que foram movimentados de umas para outras áreas e puderam operar alguns equipamentos técnicos nas diferentes frentes mineiras.

Sempre a olhar para os indicadores, amplamente partilhados com os jornalistas, o presidente do Conselho de Gerência da Sociedade Mineira do Cuango, referiu que havia uma projecção de produção mensal em torno dos 20 mil quilates, o que foi impossível atingir com a crise pandémica.

"Os mercados estavam fechados, as vendas quase que não eram feitas e, por força da quantidade de trabalhadores ausentes, a produção reduziu significativamente. Começamos a olhar para os indicadores da empresa, a no mes de Junho, e verificamos uma queda acentuada quer na quantidade de quilates a recuperar, quer nas receitas que estavam a ser obtidas", esclareceu Helder Carlos.

Retorno à normalidade

Na mina do Cuango, regista-se, nesta altura, um frenesim total. São centenas de homens e equipamentos técnicos pesados a escavar a terra e outros em constante movimento, carregando toneladas de minério em direcção às lavarias.

Está aberto o caminho para o regresso à normalidade, como pudemos ver, a despeito de alguns constrangimentos, que Hélder Carlos explica mais à frente.

Ha como que uma corrida contra o tempo, depois de um período de incertezas, que chegou mesmo a ameaçar, por assim dizer, a continuidade das operações, com o Conselho de Gerência da SMC a partir para soluções de "reengenharia financeira", depois de encarar vários cenários, envolvendo o recurso à alta finança internacional.

Como em toda a indústria mineira, na Cuango a pandemia representou, na verdade, um momento de particular angústia, já que, como reconheceu o seu actual líder, "se sentia que a empresa caminhava aceleradamente para a falência". Esclareceu que, para lidar com os efeitos da Covid-19, a direcção da empresa e das operações partiram para o que se convencionou chamar "processo de reengenharia", traduzido no abandono de uma área, a de Camabo, definida como fundamental e que representava cerca de 1,7 por cento do universo das diferentes frentes.

"Tivemos que retomar a actividade de prospecção e exploração em algumas áreas em que já não havia uma grande intensidade da actividade operacional", explicou Hélder Carlos, adiantando que, com a regeneração operacional, a partir do mês de Setembro os níveis de produção foram melhorando, terminando o ano de 2020 com um registo de cerca de 20 mil quilates por mês.

Mas neste processo de regeneração, a Cuango não esteve imune a algumas dificuldades, sobretudo de tesouraria, levando a soluções de "reengenharia financeira", como se diz mais acima. Para ultrapassar a situação, foram traçados três cenários. Primeiro, a Sodiam partiu para mercado internacional, à procura de potenciais financiadores, num processo que ficou conhecido como "financiamento e apoio à tesouraria das empresas" e, depois, a Endiama recorreu à banca comercial interna. As duas opções resultaram infrutíferas.

Finalmente, as empresas foram autorizadas a contactar potenciais compradores, disponíveis a prestar esse contributo. "E assim que a Cuango, depois de devidamente autorizada pelos sócios, contactou um dos seus compradores, que se disponibilizou a apoiar a sua tesouraria. Pelo meio, foram surgindo algumas derrapagens e, em Novembro, redireccionamo-nos para esse contrato e passaram a assumir o compromisso de financiar os investimentos da Cuango", disse o seu presidente.

Há um detalhe, revelador da estratégia de expansão da Cuango, mas, como se diz,

soufreu um sério revés com a pandemia da Covid-19. Para 2020, os investimentos projectados estavam à volta dos 10 milhões de dólares, cerca de 4.000.000 para equipamentos de expansão, para novas frentes de operações, e outros 6.000.000 para a reposição e substituição de equipamentos, que já atingiram o seu tempo de vida útil.

Com as dificuldades, surgidas em 2020, a Cuango não atingiu as metas preconizadas e terminou o ano com uma produção de 164 mil quilates e uma receita de 51,5 milhões de dólares, a um preço médio que rondava os 314 dólares por quilate, segundo Hélder Carlos, para quem a oscilação nos preços dos diamantes teve enorme influência nos resultados financeiros, já que vendeu menos.

"Se nós tínhamos uma projecção mensal de cerca de 20 mil quilates, o Cuango estava a produzir em torno de 8 a 9 mil quilates, uma quebra muito relevante, que afectou grandemente a actividade da empresa", argumentou, adiantando, no entanto, que para este ano as perspectivas apontam para a recuperação de cerca de 247 mil quilates, com um preço médio de 350 dólares por quilate e receitas muito próximas dos 75 milhões de dólares.

"Começamos bem o ano, com uma produção em torno de 20 mil quilates por mês. No mês de Fevereiro, vendemos 23 mil quilates, mas, depois, surgiram algumas dificuldades", palavras de Hélder Carlos.

Embom rigor, fala em duas dificuldades. Uma ligada às intensas chuvas na área da concessão, que por duas semanas levaram à paralisação das operações mineiras. "Não se consegue trabalhar, o terreno ficava muito lamacento, as máquinas ficavam atoladas e os índices de produção foram reduzindo", esclareceu Hélder Carlos.

E, depois, surgiram problemas com as lavarias de pré-tratamento e de meio denso. São equipamentos comprados na China, que apontavam apenas para dois anos, mas que já levam três e apresentam problemas técnicos.

A agravar a situação, o ano passado não foram feitas novas aquisições de peças sobressalentes e acessórios, para os diferentes equipamentos.

Segundo Hélder Carlos, que prevê a subida dos níveis de produção nos próximos tempos, "tudo que havia em armazém acabou por ser consumido, à área de engenharia enfrentou algumas dificuldades, para a reparação desses equipamentos".

Disse que na mina do Cuango há equipamentos com cerca de 15 anos, que carecem de substituição, mas que há várias encomendas de peças sobressalentes para reparação ou reposição de algumas máquinas, cujo embarque, a partir de alguns países, está beliscado por dificuldades de circulação comunitária, devido, sempre ela, à pandemia da Covid-19.

"Estamos a falar de encomendas, algumas já pagas e outras em processo de pagamento, num montante de 2,3 milhões de dólares", clarificou Hélder Carlos.

Mercado anima-se

"Os níveis de produção foram decaindo de 23, 20, 19 e, agora, para 17 mil", sublinhou Hélder Carlos, emendando, contudo, que a quantidade de diamantes recuperados tem sido compensada pelo preço. "O mercado está em alta e os preços têm sido bons e isso é compensador", reconheceu, satisfeito, o líder da Cuango, indicando que a empresa teve uma facturação mensal de cerca de 12 milhões de dólares, só com os 23 mil quilates em Fevereiro.

Mas, mais conservador, Hélder Carlos faz contas e diz que amanter-se a produção à volta dos 20 mil quilates por mês e com a actual alta

de preços dos diamantes, os lucros da companhia podem chegar a cerca de 10 milhões de dólares por mês.

Considerou como um "bocado alta" a estrutura de custos da companhia, indicando que grande parte está concentrada nos indicadores laborais, com a remuneração a representar cerca de 81 por cento.

"Sob o ponto de vista financeiro, os custos com a força de trabalho, em regra, devem andar à volta dos 21 a 23 por cento, mas temos que concordar que há um conjunto de benefícios para os trabalhadores, incluindo com a mobilidade dos expa-



triados, que fazem viagens bastante longas", referiu Hélder Carlos, que já liderou o poderoso pelouro do planeamento estratégico, administração e finanças, no Conselho de Administração da Endiama.

Disse que, pelos estudos de prospecção feitos até agora, a mina do Cuango pode con-

tinuar a laborar por mais 10 anos e confirmou a ambição da empresa, em situar-se entre os três principais produtores de diamantes aluvionares de Angola, em linha com o objectivo da Endiama em alcançar a liderança africana e, talvez, mundial na produção de diamantes.



Extracção de diamantes pelos garimpeiros tem vindo a causar inúmeros prejuízos à preservação do meio ambiente

Combate ao garimpo

Ao entrarmos na área da concessão da Sociedade Mineira do Cuango, vimos a circular, isolados ou em grupos, muitas pessoas. "São garimpeiros", disse-nos, depois, um colega de viagem, que já andou há alguns anos por essas paragens. Com algum detalhe, referiu-se aos perigos da actividade do garimpo, que, não poucas vezes, resultam em mortes com o desabamento de terras.

Eles (garimpeiros) saem à noite para várias zonas à pro-

cura de diamantes, uma perigosa para muita gente da região das Lundas e actividade com danos consideráveis ao ambiente, devido ao tipo de equipamento utilizado.

No Cafunfo, tivemos relatos de casos de garimpeiros que tiveram um desfecho dramático, ao tentarem alcançar os depósitos de minério, com recurso a escavações verticais no solo e construção de galerias.

Nos últimos meses, o fenómeno do garimpo atingiu, na zona da concessão do Cuango, proporções alarmantes, depois que o Conselho de Gerência autorizou a passagem pelas vias da mina dos meios de transporte de pessoas e mercadorias, para o Cafunfo, devido à acentuada degradação da EN 245, como confirmou Hélder Carlos aos jornalistas.

"Por solicitação da Administração Municipal do Cuango, o interior da mina tem estado a ser usada como a principal via de circulação, para os meios que transportam os mercadorias e passageiros para o Cafunfo, mas, depois, verificamos, que todos os dias há um número elevado de garimpeiros a circular na área de concessão", referiu.

Esclareceu que, para inibir e afastar os garimpeiros da concessão, têm sido desenvolvidas algumas acções "paliativas", coordenada da entre o departamento de segurança da Sociedade Mineira do Cuango e a empresa contratada.

Este é o retrato possível de um projecto que tenta reerguer-se do impacto da pandemia da Covid-19.

Para os jornalistas, as mais

de oito horas de uma viagem extenuante, até à região do Cuango, seriam compensadas pelo regresso, à boleia, num avião fretado pela SMC. Mas, antes, uma paragem num projecto habitacional para cerca de 600 trabalhadores no Cafunfo, na esteira da responsabilidade social da companhia, para qual aos sócios foi solicitada, este ano, um investimento de 1,8 milhões de dólares.

O apoio social estende-se também, à construção de postos e centros de saúde, escola, preservação do ambiente, postes e outros equipamentos sociais, que *Jornal de Angola* aborda em próximas edições. A Sociedade Mineira Kaixapa, município do Lucapa, e que se segue nesta excursão de explorações diamantíferas na região das Lundas.